

Um passeio no passado



VIVA O TRÂNSITO
PARTICIPE!

histórias para o
ensino fundamental

1

Ministério
denatran das Cidades

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

Presidente da República

Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro das Cidades

Marcio Fortes de Almeida

Diretor do Departamento Nacional de Trânsito

Alfredo Peres da Silva

Coordenadora Geral de Qualificação do Fator Humano no Trânsito

Juciara Rodrigues

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP

Bibliotecária responsável: Thaís Moraes CRB-1/1922

Brasil. Departamento Nacional de Trânsito.

Um passeio no passado; Onde fica o paraíso? / Texto de José Ricardo Moreira e Juciara Rodrigues; Ilustração de César Lobo. – Brasília: Ministério das Cidades, Denatran, 2008.

31, 31 p. : il. color.; 20x20 cm. – (Viva o trânsito: participe! histórias para o ensino fundamental, v. 1)

Capa de Um passeio no passado.

Texto em direções opostas.

Coleção composta por três volumes.

1. Trânsito, Educação. 2. Ensino Fundamental. 3. Literatura infanto-juvenil.
I. Rodrigues, Juciara. II. Moreira, José Ricardo. III. Lobo, César. IV. Título. V.
Título: Onde fica o paraíso?

CDU – 372.4 (81)

Um passeio
no passado



Uma história inacreditável...!

Era uma manhã como todas as outras. Teco fez o que sempre fazia, tintim por tintim, desde o momento em que acordou...

Abriu os olhos
(é claro, né?).



Foi ao banheiro
(para fazer
certas coisas
e lavar certas
partes).





Vestiu a roupa
(claro, não ia
sair pelado).



Tomou café.



Beijou a mãe e
deu no pé!



E lá se foi para o portão
de casa esperar o
transporte escolar.



Teco olhava para a rua e via gente andando ligeiro. Via carro, via ônibus, via bicicleta e motocicleta: indo de lá pra cá, de cá pra lá. Parecia que quanto mais os minutos passavam, mais a rua lotava. E a cabeça dele pensava: “pra onde vai toda essa gente tão cedo da manhã?”. E pensava mais ainda: “será que em todo o lugar é assim?”.

Pausa!

Pense!

- Você acredita que o Teco morava em uma cidade grande ou pequena? Por quê?
- Será que todas as cidades têm movimento de pessoas e de veículos como a cidade onde o Teco mora?
- E a sua cidade? Ela é movimentada ou calma?
- Você conhece uma cidade muito movimentada? E uma muito calma? Qual das duas é mais legal? Por quê?

Saiba mais!

O Teco **via** gente, **via** carro, **via** ônibus, **via** bicicleta e motocicleta.

Sabe que a palavra **VIA** pode ter outro sentido?

Você também pode chamar uma rua de **VIA**. **Vias** são caminhos, avenidas, estradas ou qualquer passagem aberta para o trânsito de veículos, pessoas e animais.

As ruas de uma cidade são chamadas de **VIAS URBANAS**. As vias urbanas têm casas, prédios, padarias, pontos de ônibus e muitas outras construções.

Faça!

Escreva duas frases com a palavra **VIA**. Uma frase, usando o verbo VER e, outra, usando o substantivo VIA.

Existem diferenças entre as vias. Elas podem ser consideradas como **vias de trânsito rápido, vias arteriais, vias coletoras, vias locais**. Pesquise sobre a característica de cada uma dessas vias.



UM PASSEIO PELA HISTÓRIA...

Há muitos e muitos anos, quando todas as cidades eram bem pequenas, as ruas não tinham nomes e as casas não tinham números.

Então, as pessoas davam um *apelido* para as ruas. Geralmente, elas tinham o nome da pessoa mais importante que morava lá:

“Eu moro *na rua do Senhor Honorato de Freitas*, duas casas à esquerda.”.

“Eu moro *na rua do Padre*, três casas abaixo”.

As ruas também tinham apelidos de acordo com sua localização na cidade: *rua de cima*, *rua direita*, *rua de baixo*, *rua do rio*...



E a história, cadê?

Uma história inacreditável...II


Parado em frente ao portão de casa, perdido em seus pensamentos, Teco nem percebeu que uma misteriosa neblina chegava lá do fim da rua. Uma neblina esquisita! Mais parecia fumaça gelada cobrindo toda a rua. Teco tomou um susto quando não conseguiu enxergar mais nada: nem gente nem carro nem ônibus nem bicicleta.



O barulho começou baixinho e, aos poucos, ficou mais alto e mais alto. Nessas alturas, o Teco se arrepiou todo. Aquilo nunca havia acontecido na rua onde morava. Na verdade, aquilo nunca havia acontecido com ele!



Cada vez mais perto, cada vez mais perto. O coração do Teco disparado. O corpo louco de vontade de correr pra dentro de casa (ou pra qualquer outro lugar!). Mas os olhos não enxergavam o caminho de jeito nenhum no meio daquela neblina toda.



De repente, além de ouvir, o Teco começou a ver alguma coisa saindo do meio da fumaceira (quer dizer, neblina).

Inacreditável! Quem diria que numa rua movimentada, cheia de barulho, aparecesse justamente aquilo?

Mas, afinal, O QUE ERA AQUILO?

Com os olhos arregalados, o corpo arrepiado e o coração acelerado, o Teco não se conteve e soltou um grito: “o que é isso?”.

Foi aí que uma voz respondeu lá do fundo da geringonça: “nunca viu um bonde antes, não, garoto?”.

Teco quase caiu para trás. Claro que ele nunca tinha visto um bonde, muito menos ali, bem na frente da sua casa.

O homenzinho de boné parecia um bocado apressado: “sobe logo, amigo, senão você vai me fazer perder a hora. E o meu bonde não atrasa nunca!”.

O Teco subiu no bonde meio desconfiado, com a cara um pouco espantada. O coração não pulava tanto e o arrepio havia passado. Na verdade, começava a achar aquilo tudo genial. Já pensou quando ele contasse a aventura pro Bento, pro João, pra Maristela e para outros amigos da escola? Todo mundo ia adorar!

Mas Teco precisava de algumas informações pra contar a sua história. Então, puxou conversa: “quem é você?”; “por que está vestido desse jeito?”; “pra onde a gente vai?”; “como é que...”.

O homenzinho do boné interrompeu: “calma, menino! Parece que vai tirar o pai da força! Em primeiro lugar, muito prazer. Seja bem-vindo! Meu nome é Onofre e eu sou o **motorneiro** desse bonde”.



use Loção
FENOMENO

em
Vanadidos
O MELHOR
FORTIFICANTE GERAL
DA VIDA

"Motor... o quê?"
perguntou o Teco.

O homenzinho, simpático toda vida, explicou: “motorneiro, menino! Conductor de bondes. Parece até que você é de outro planeta!”.

Talvez o Teco não fosse de outro planeta. Mas, certamente, era de outro tempo. De um tempo em que muitos motoristas de ônibus não cumprimentavam as pessoas. Teco lembrou de uma vez que ele e mãe foram ao mercado e, na volta, quando subiam as escadinhas para entrar no ônibus, o motorista arrancou e a mãe quase deixou cair o pacote das compras. Ela fez cara feia, mas o motorista nem ligou.

Um pouco mais calmo, Teco olhou em volta. As pessoas estavam calmamente sentadas. Conversavam umas com as outras e muitas eram velhas conhecidas. Os homens usavam terno, gravata e chapéu; as mulheres, belos vestidos engomados. Também viajavam no bonde meninos da sua idade, com bermudas e suspensórios, e algumas meninas com saias de babado e laços de fita na cabeça. Toda vez que uma mulher ou uma pessoa mais velha entravam no bonde, um senhor ou uma criança levantavam para dar o lugar.

O Teco olhava e pensava: “o Onofre está certo. Eu devo mesmo ser de outro planeta. No planeta onde eu vivo quase ninguém se conhece direito, as pessoas não sorriem umas para as outras e pouca gente dá o seu lugar pra alguém sentar”.

Mas a viagem do Teco havia apenas começado. Ele ainda veria coisas incríveis em sua viagem por aquele bonde que andava nos trilhos e fazia *telec...telec...telec...*

Pausa!

Pense!

- Como é a conservação dos ônibus na sua cidade? Em sua cidade existem metrô ou outro tipo de transporte coletivo?
- Quando anda de transporte coletivo, você costuma ceder seu lugar para outras pessoas sentarem?
- Como é o comportamento dos motoristas de ônibus em sua cidade? E o comportamento dos motoristas que conduzem outros veículos?
- *"No planeta onde eu vivo quase ninguém se conhece direito, as pessoas não sorriem umas para as outras e pouca gente dá seu lugar pra alguém sentar". É assim que o Teco pensa. E você, qual o seu pensamento sobre isso? Como acontece no lugar onde você vive?*



Saiba mais!

Durante muito tempo o bonde foi um importante meio de transporte das cidades brasileiras. Ele funcionava mais ou menos como o ônibus de hoje em dia, com algumas diferenças: os primeiros bondes, que chegaram ao Brasil por volta de 1868, eram puxados por burros. Depois vieram os bondes movidos a gasolina e, os mais importantes, os bondes elétricos.

Os bondes andavam sobre trilhos e carregavam de tudo, principalmente pessoas. Com o passar do tempo e a chegada dos automóveis, ônibus, motocicletas e outros veículos, eles foram sumindo, sumindo, até que desapareceram. Sobraram poucos bondes nas cidades brasileiras. O bairro de Santa Teresa, na cidade do Rio de Janeiro, possui a única linha urbana de bondes do Brasil ainda existente.



Faça!

Os bondes, assim como os ônibus são chamados de transporte público ou transporte coletivo porque levam pessoas de um lugar ao outro, possuem um itinerário pré-determinado, têm horários a cumprir, cobram por seus serviços.

O bonde não foi o primeiro transporte público no Brasil. A **diligência**, com quatro rodas e puxada por duas parselhas (de cavalos), foi o primeiro veículo de transporte coletivo.

Pesquise sobre a história do transporte público em nosso país e descubra como eram, quantas pessoas podiam levar, de que maneira se locomoviam (puxados por animais, por trilhos...). Trace um comparativo com os transportes públicos da atualidade.

Se encontrar figuras, monte um painel bem bacana!



DILIGENCIA PROGRESSO PAU- LISTA

Sairá de S. Paulo nos dias 4, 9, 14, 19, 24, e 29 deste mes. Os bilhetes podem ser procurados na rua Direita n. 17. fabrica de chapéus.
As bagagens devem ser entregues 1 dia antes da partida.

UM PASSEIO PELA HISTÓRIA...

Nas grandes cidades de antigamente (nos anos 1800) havia regras de etiqueta que ditavam os comportamentos adequados ao trânsito no interior de veículos.

Nas carruagens, por exemplo, o lugar mais distinto para sentar-se ficava ao fundo, à direita; nas liteiras, atrás. Os padres, as mulheres e as senhoritas deviam ocupar, sempre, o melhor lugar do veículo. As saudações da rua só podiam ser respondidas com um leve inclinar de cabeça e se a janela estivesse fechada era necessário abri-la para corresponder à saudação. Era deselegante permanecer de chapéu no interior dos veículos. A etiqueta mandava tirá-lo e colocá-lo sobre os joelhos ou junto ao peito, sempre com o forro de seda virado para dentro.

Hoje, os meios de locomoção estão bem diferentes do passado e as regras de etiqueta também.

RODRIGUES, Juciara. *500 anos de trânsito no Brasil: convite a uma viagem*. Brasília: ABDETRAN, 2000.

E a história, cadê?

Uma história inacreditável...!!!

Os olhos do Teco não sabiam para onde olhar. Eram tantas coisas diferentes para ver. A cidade que o bonde percorria era outra: uma cidade do passado!

Os trilhos do bonde não estavam assentados no asfalto, pois o piso das ruas era calçamento, feito de milhares de blocos de pedras. Ainda havia muitas carruagens chamadas de charretes, coches ou tílburis, que eram uma espécie de táxi.

Nem é preciso dizer que os cavalos ainda estavam na moda! E os automóveis, então? Eram pouquíssimos e daqueles bem antiquinhos, conhecidos como calhambeques.



Na cidade não havia um semáforo sequer nem faixas de travessia nem placas de sinalização. As pessoas se locomoviam a pé sem ter muito com o que se preocupar. Mas tinha alguém pra organizar o trânsito e isso o Teco viu muito bem e logo perguntou pro Onofre: “quem é aquele ali?”.

Onofre, sempre sorridente, explicou: “aquele é um **cantoneiro**! Você tem cada uma... Vai dizer que não sabe que os cantoneiros ficam parados entre as ruas e os trilhos para avisar aos pedestres e aos condutores de cavalos e de outros veículos sobre a aproximação dos bondes?”.

Essa o Teco não sabia mesmo! Nunca tinha ouvido falar em cantoneiros. E o nome era bem legal porque eles ficavam nos cantos (nas esquinas) das ruas pra organizar o trânsito. Além disso, tinham outras tarefas também: conservavam e limpavam os trilhos. Mais legal ainda era que todo mundo conhecia os cantoneiros pelo nome: “oi, senhor Juca! Bom trabalho!”. O Teco via tudo aquilo e pensava: “não sei o nome do agente de trânsito que cuida da saída da minha escola...”.

Aquilo tudo era mesmo inacreditável!



Pausa!

Pense!

- Existe algum policial de trânsito ou agente de trânsito que cuida da saída de sua escola?
- Você acredita que deveria ter mais agentes de trânsito para fiscalizar o trânsito na sua cidade?
- O trabalho dos agentes de trânsito é importante? Por quê?



Saiba mais!

As ordens de um agente de trânsito são mais importantes que a sinalização. Por isso, pedestres e motoristas devem respeitar, em primeiro lugar, as ordens do agente.

Os agentes se comunicam de duas formas: por gestos (dos braços) e por sons (do apito). Cada gesto representa uma ordem. As diferentes formas de apitar também transmitem diferentes mensagens.

Uma dica: os sinais sonoros (do apito) só podem ser usados em conjunto com os gestos.

Pedestres e motoristas devem conhecer as mensagens transmitidas pelos agentes para transitarem com segurança!

Faça!

Entreviste um agente de trânsito. Converse com ele para saber quais são as mensagens transmitidas pelos seus gestos e pelos sons do seu apito. Pergunte o seu nome e descubra se ele gosta da profissão.

UM PASSEIO PELA HISTÓRIA...

Em 1961 a extinta TV Tupi lançou a série **O Vigilante Rodoviário**, mostrando as aventuras de um policial que zelava pela segurança nas estradas. O ator Carlos Miranda, que interpretava a personagem-título, virou um policial rodoviário de verdade. Por causa disso entrou para o *Guinness Book* (O Livro dos Recordes) como único ator que virou personagem.

O fiel escudeiro do Vigilante era o cão Lobo. Na vida real o cachorro chamava-se King. Lobo morreu em 1965, mas Carlos Miranda ainda vive e participa de eventos, principalmente em escolas, onde gosta de conversar sobre a paz no trânsito e lembrar de suas aventuras ao lado de seu amigo Lobo.

Se você quiser assistir a um vídeo do Vigilante Rodoviário acesse www.vigilanterodoviario.com. Com certeza você fará um belo passeio pela história!



E a história, cadê?

Uma história inacreditável...IV

Se o Teco ficasse o dia inteirinho dentro daquele bonde ainda seria pouco para ver tanta coisa diferente. O modo de vida das pessoas, o jeito que se vestiam, como se comportavam. Tudo era inacreditavelmente diferente da cidade onde ele vivia.

Sem contar as construções! As casas eram grandes e tinham aberturas laterais para o acesso das carruagens. Como havia poucos automóveis, as garagens ficavam nos fundos dos lotes. Ninguém se importava se tinha ou não um automóvel porque o legal mesmo era andar de bonde, encontrar os amigos, tomar ar fresco.



Até o jeito de brincar era diferente. Teco não acreditou quando viu uma turma de meninos jogando bolinhas de gude quase no meio da rua, sem perigo algum. Se ele fizesse o mesmo na rua onde morava, sabe-se lá o que poderia acontecer. Era tanto carro, motocicleta, caminhão, ônibus passando pela rua do Teco o dia todo que dava arrepio só de pensar em chegar perto do meio-fio. E para atravessar a rua, então? Todo cuidado era pouco!

Telec... telec... telec... lá ia o Teco no bonde, correndo nos trilhos. Bem, correndo é modo de dizer, porque os bondes transitavam bem devagar. Era por isso que o Teco tinha conseguido enxergar a paisagem tão bem. Mas ele ainda queria saber mais: “senhor Onofre, onde a gente está? Pra onde a gente vai?”.

Onofre, o amigo motorneiro, não teve tempo para responder. O bonde entrou numa espécie de neblina, igualzinha àquela que o Teco tinha visto quando saiu de casa. Foi parando devagar, devagar... O Teco então só ouviu a voz do Onofre: “ponto final! Podem descer!”.

Então Teco desceu, meio sem querer, mas desceu, e quando se virou para ver o bonde, tudo havia desaparecido. Só sobrou um restinho de neblina e um barulhinho bem distante: *telec... telec... telec... tel... te... t...*



Pausa!

Pense!

- Em sua cidade os pedestres são respeitados? Existem faixas de travessia, passarelas ou passagens feitas só para os pedestres?
- Em sua cidade existem semáforos com botoeiras para pedestres? As faixas de pedestres são iluminadas à noite?
- Você é um pedestre legal? Por quê?



Saiba mais!

O Código de Trânsito Brasileiro diz que os veículos maiores são responsáveis pelos menores, os veículos motorizados são responsáveis pelos não motorizados e todos os veículos, juntos, são responsáveis pela segurança dos pedestres.

O Código de Trânsito Brasileiro diz, ainda, que onde não houver sinalização para os veículos, os pedestres sempre têm a preferência.

As pessoas que dirigem um veículo precisam mesmo tomar conta da segurança dos pedestres. Se um carro estiver a 40 km/h, um pedestre tem 30% de risco de morte. Se a velocidade aumentar para 60 km/h, o risco de morte do pedestre cresce para 85%. Aos 80 km/h, praticamente, não há chance de sobrevivência para o pedestre.

Faça!

Faça um cartaz bem legal e colorido com regras para a travessia segura de pedestres.

Aí vão algumas dicas para serem escritas em seu cartaz para os pedestres:

- procure sempre atravessar na faixa e, mesmo assim, olhe para os dois lados!;
- se não houver semáforo para pedestres, oriente-se pelo semáforo para veículos e só atravesse quando a luz estiver vermelha;
- existindo sinal para pedestres, só atravesse quando a luz estiver verde. Não se deve atravessar com a luz piscando;
- quando não houver faixas ou sinal, olhe bem para os dois lados e atravesse em linha reta até a outra calçada.

Agora, é com você. Continue o trabalho!



UM PASSEIO PELA HISTÓRIA...

Há milhares de anos, as pessoas já se locomoviam (a pé). Não iam muito longe, mas andavam durante dias e dias para encontrar lugares onde havia comida e clima bom para viver. Quando o clima mudava, pé na estrada outra vez em busca de alimento, em busca de um novo abrigo. Um dia, aprenderam a plantar e a domesticar animais e pararam de andar tanto. Foi então que surgiram os primeiros povoados, erguidos à beira dos rios, com cabanas de barro, folhas e troncos de árvores.

Com a invenção da roda (não se sabe bem por quem) foram criados vários meios de transporte para carregar cargas e as pessoas abriram estradas para permitir sua circulação. No entanto, até hoje, os pés podem ser considerados como importante meio de locomoção.



E a história, cadê?

Uma história inacreditável... Final

Teco desceu do bonde e tudo havia desaparecido. Ele fechou os olhos bem apertados. Talvez escutasse alguma coisa... Nada! Os sons também não podiam mais ser ouvidos: o telec...telec...telec..., a voz simpática do Onofre, as conversas amigáveis entre os passageiros, as risadas dos meninos que jogavam bola de gude. Nada mais se ouvia. Silêncio absoluto.

Por um segundo, Teco pensou que era o fim do mundo e sentiu aquele arrepio outra vez subir pelo corpo. O coração disparado saltava dentro do peito. Que medo! Não tinha coragem sequer para abrir os olhos e ficou feito estátua: parado, congelado.

Foi quando sentiu um tapinha na cabeça: “oi, Teco! Parece que viu assombração! Vamos logo que a aula já vai começar”. Era o Bento. E assim como a voz do Bento todos os outros barulhos invadiram os ouvidos do Teco outra vez. Os olhos abriram e ele estava em frente à escola, no presente. O passado tinha ficado para trás.

Teco entrou correndo na escola. Estava feliz por ter conhecido pessoas tão legais, ter visto coisas novas (ou melhor, antigas), ter passeado por outros caminhos... O passado sempre fica para trás, mas aquele passeio no passado ficaria para sempre guardado na cabeça e no coração do Teco.

Naquele dia (e nos outros também!), ele cumprimentou todo mundo na escola. Distribuiu sorrisos para os professores e professoras, para a cantineira, para a zeladora. Na saída, aproveitou para falar com o agente que organizava o trânsito em frente à escola e descobriu que o seu nome é Lucas e que ele adora o que faz.

Na volta para casa, o Teco ajudou a Lila (uma aluna pequenininha da pré-escola) a entrar no transporte escolar. Ela ficou toda alegre! Teco sentou, apertou o cinto de segurança e pelo caminho observou a paisagem, as pessoas, os carros, os ônibus, as motocicletas... Aquilo tudo era o **seu** presente. Aquele era o **seu** planeta, a **sua** cidade, o **seu** lugar e ele, com certeza, sabia que era alguém importante na vida de muitas pessoas. Assim como você!



Um passeio
no passado

Fim

Vire o livro para ler a próxima história.

